

CAPÍTULO LXXVIII¹

A presidência

Certo dia, meses depois, entrou Lobo Neves em casa, dizendo que iria talvez ocupar uma presidência de província.² Olhei para Virgília, que empalideceu; ele, que a viu empalidecer, perguntou-lhe:

– A modo que não gostaste, Virgília?

Virgília abanou a cabeça.

– Não me agrada muito, foi a sua resposta.

Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves³ insistiu no projeto, um pouco mais resolutamente do que de tarde; dous dias depois⁴ declarou à mulher que a presidência era cousa definitiva. Virgília não pôde dissimular a repugnância que isto lhe causava. O marido respondia a tudo com as necessidades políticas.⁵

– Não posso recusar o que me pedem; é até conveniência nossa, do nosso futuro, dos teus braços, meu amor, porque eu prometi que serias marquesa, e nem baronesa estás. Dirás que sou ambicioso? Sou-o deveras, mas é preciso que me não ponhas um peso nas asas da ambição.

Virgília ficou desorientada. No dia seguinte achei-a triste, na casa da Gamboa, à minha espera; tinha dito tudo a D. Plácida, que buscava consolá-la,⁶ como podia. Não fiquei menos abatido.

– Você há de ir conosco, disse-me Virgília.

– Está douda? Seria uma insensatez.

– Mas então...?

– Então, é preciso desfazer o projeto.

– É impossível.

– Já aceitou?

– Parece que sim.

¹ CAPÍTULO LXXVIII] CAPÍTULO LXXIX – em MPBC1-1880.

² Certo dia, meses depois, entrou Lobo Neves em casa, dizendo que iria talvez ocupar uma presidência de província.] As entrevistas sucediam-se, e as semanas, e os meses, e as aflições, e as alegrias. Um dia, porém, entrou o Lobo Neves em casa, com a notícia de que iria talvez ocupar uma presidência no norte. – em MPBC1-1880; Certo dia, meses depois, entrou o Lobo Neves em casa, dizendo que iria talvez ocupar uma presidência de província. – em MPBC2-1881.

³ Lobo Neves] o Lobo Neves – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁴ dous dias depois] e dous dias depois – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁵ necessidades políticas.] necessidades políticas. E acrescentava: – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁶ consolá-la,] consolá-la – em MPBCEC-1960.

Levantei-me, atirei o chapéu a uma cadeira, e entrei a passear de um lado para outro, sem saber o que faria. Cogitei largamente, e não achei nada. Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela.

– Nesta pequenina mão está toda a⁷ minha existência, disse eu; você é responsável por ela; faça o que lhe parecer.

Virgília teve um gesto aflitivo; eu fui encostar-me ao consolo fronteiro. Decorreram alguns instantes de silêncio; ouvíamos somente o latir de um cão, e não sei se o rumor da água, que morria na praia. Vendo que não falava, olhei para ela. Virgília tinha os olhos no chão, parados, sem luz, as mãos deixadas sobre os joelhos, com os dedos cruzados, na atitude da suprema desesperança. Noutra ocasião, por diferente motivo, é certo que eu me lançaria aos pés dela, e a ampararia com a minha razão e a minha ternura; agora, porém, era preciso compeli-la ao esforço de si mesma, ao sacrifício, à responsabilidade da nossa vida comum, e conseqüentemente desampará-la, deixá-la, e sair; foi o que fiz.

– Repito, a minha felicidade está nas tuas mãos, disse eu.

Virgília quis agarrar-me, mas eu já estava fora da porta. Cheguei a ouvir um prorromper de lágrimas, e digo-lhes que estive a ponto de voltar, para as enxugar com um beijo; mas subjuguiei-me e saí.

⁷ toda a] todaa – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.